Acervo ISA

PANARÁS

Índios reencontram órfãos desaparecidos há mais de 20 anos

Na última semana, os índios panarás – conhecidos na década de 70 como os gigantes krenhakarore – tiveram duas alegrias. A primeira foi o anúncio, depois de 20 anos de espera, da demarcação de sua reserva, no Mato Grosso, pela Fundação Nacional do Índio (Funai).

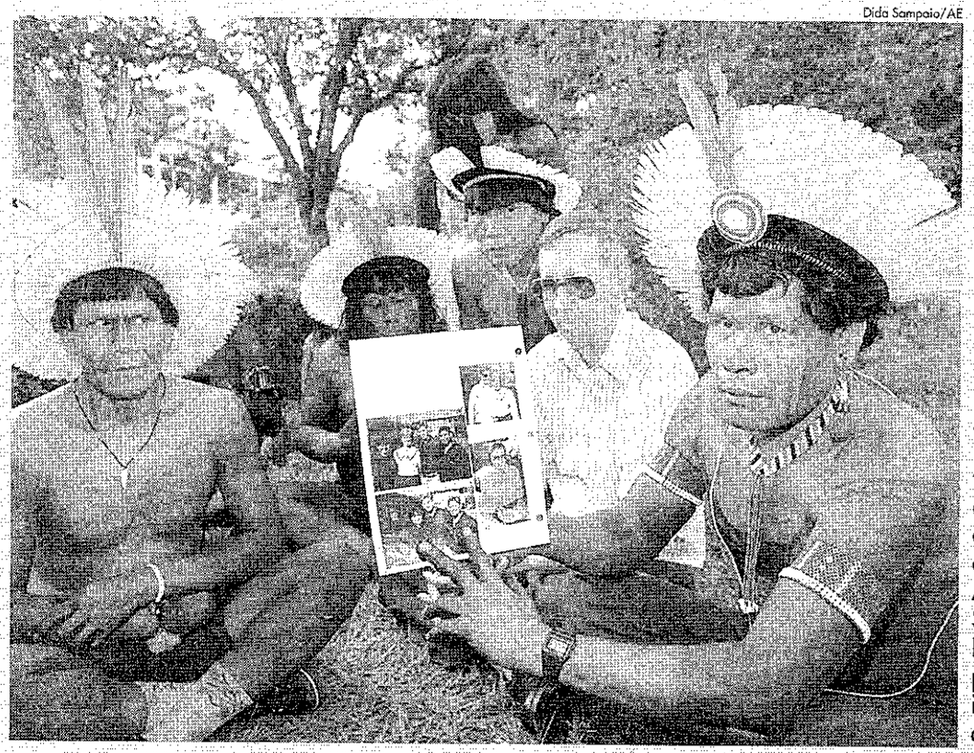
A outra foi a notícia de que o casal de órfãos Apoá e Sorinto, que havia deixado a aldeia em 1974, não morreu, como aconteceu com dezenas durante a construção da estrada Cuiabá-Santarém. Um piloto voluntário da Funai levou as crianças para viver nos Estados Unidos.

Os irmãos já estão adultos. Sorinto transformou-se em Sara Sorinto, hoje com 32 anos, e Apoá é Paul Apoá, com 27 anos. Os índios tiveram de deixar a tribo depois que a mãe foi morta e eles corriam risco de vida. A mãe, viúva, engravidou e sua gestação não foi aceita pelos panarás. De acordo com a tradição, quem desrespeitasse as regras tornava-se responsável por tudo de mal que aconteceria na aldeia. Assim, a mãe dos meninos foi assassinada por outro índio que perdeu o filho vitimado por doenças.

O casal de crianças foi entregue ao norte-americano Frederick Niehoff e sua mulher, Linda, pela enfermeira da Funai que trabalhava na aldeia. "O índio que matou a mãe das crianças também iria matá-las", disse Frederick. Os irmãos só foram salvos porque uma tia resolveu entregá-los à enfermeira. Quase um ano depois, os americanos decidiram adotar os índios e foram autorizados pelo então presidente da Funai, Isnard de Oliveira.

Vinte e quatro anos depois, Paul mora no Texas, onde faz manutenção de aparelhos hospitalares, e Sara é cabeleireira no Estado da Carolina do Norte. "Deus tocou nosso coração quando colocou essas crianças em nosso caminho", contou Frederick. Os dois irmãos pouco falam português e quase nada de sua língua original. Conservam, somente, os traços físicos de seu povo.

Dida Sampaio/AE



Dida Sampaio/AE

Ao lado, panarás vêem fotos do casal que deixou a aldeia há mais de 20 anos. Acima, os índios Sara Sorinto e Paul Apoá posam junto do irmão adotivo americano.

Durante a conversa entre Frederick e os índios panarás, que estiveram em Brasília para tratar da demarcação, pelo menos uma pessoa estava interessada em saber mais sobre Sara. Era Creton, a quem a índia havia sido prometida em casamento quando criança. Ele acusava Frederick: "Você levou minha mulher."

Segundo os assessores da Funai, por serem poucos os índios panarás, eles se lembram perfeitamente um dos outros e dos compromissos assumidos. Depois de mais de 20 anos, Creton ainda pode alimentar esperanças. Sara estará de volta ao Brasil em maio para visitar seus pais adotivos, Linda e Frederick, que continuam morando no País.

Edson Luiz e Dida Sampaio/AE

14/4/98 JT

14A